

Balbuciar do Sul: a condição do Sul vista como a periferia

Ancel Quaresma
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Brasil

*Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:
aprender que existe o Sul;
aprender a ir para o Sul;
aprender a partir do Sul e com o Sul.*

Paula Meneses (p.05).

I. Introdução

Começo a Reflexão sobre a condição da linguagem do sujeito do Sul, e as histórias locais a fim de resgatar a identidade da Americana Latina, ou seja, do Sul, não da forma que foi abordado o colonizador. Achugar propõe uma representação local, falando da periferia, mostrando a identidade do povo dito sem história, como era chamada pelo explorador, essa abordagem do autor propõe a valorização dos costumes locais da América Latina. A ideia de produzir o artigo a respeito da epistemologia do Sul, surgiu na disciplina de literatura comparada no mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, durante as aulas do prof. Edgar Nolasco, e também minha apresentação do trabalho desta disciplina, eu pensei em produzir um trabalho que aborde a questão do sujeito do Sul. Sendo da Guiné-Bissau um país africano e do hemisfério sul, a minha inquietação sobre aspectos linguísticos surgiu desde que comecei a cursar letras Português / Inglês pela Universidade Estadual Goiás –UEG. Sempre fazendo esta interrogação, por que a maioria dos países africanos não tem sua língua nativa como língua oficial, mas só usam as línguas estrangeiras como oficiais. Quando comecei o mestrado na UFMS, me proponho o desafio de fazer uma reflexão sobre o balbuciar do Sul, mas não como submissão às línguas hegemônicas

eurocêntricas, vistas como as únicas capazes de produzir conhecimento. O autor uruguaio Hugo Achugar propõe a reflexão a respeito do sujeito social:

O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do mundo que “lê” ou “vive” a “história local, em virtude de obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. A “história local” a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não tem valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para a toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam das Américas. (Achugar, p.29).

Ao falar das histórias locais o intelectual uruguaio afirma que estas histórias contribuem para produção de conhecimento local, ou seja, não pode só ser os grandes centros a ditar regras ou produzir conhecimento por conta da sua hegemonia econômica e linguística (língua inglesa), mostrando que o conhecimento está em toda parte do planeta. É melhor balbuciar do que a imitação “cópia e modelo é o norte”, na relação estabelecida entre a periferia e centro. Conforme pondera Walter Mignolo, existem quatro projetos e critérios de superação da modernidade.

Contribuem para a recuperação das histórias locais como produtoras de conhecimentos que desafiam, substituem e deslocam as histórias e epistemologias globais, em um momento em que o sujeito, descarnado do conhecimento postulado por Descartes e articulado pela modernidade, é cada vez mais difícil de sustentar. (Mignolo *apud* Achugar, p. 28).

Refletir a partir locus geoístorico é a resgatar as histórias locais assim como produtora de conhecimento, negar as epistemologias globais como única maneira de produzir conhecimento. O sujeito local contando sua própria história, não é a mesma do outro, ou seja, do sujeito explorador europeu, que manipulou os povos colonizados. De acordo com Couto.

Num conto que nunca cheguei a publicar acontece o seguinte: uma mulher, em fase terminal de doença, pede ao marido que lhe conte uma história para apaziguar as insuportáveis dores. Mal ele inicia a narração, ela o faz parar: — Não, assim não. Eu quero que me fale numa língua desconhecida. — Desconhecida? — pergunta ele. — Uma língua que não exista. Que eu preciso tanto de não compreender nada! O marido se interroga: como se pode saber falar uma língua que não existe? Começa por balbuciar umas palavras estranhas e sente-se ridículo como se a si mesmo desse provas da incapacidade de ser humano. Aos poucos, porém, vai ganhando mais à-vontade nesse idioma sem regra. E ele já não sabe se fala, se canta, se reza. (Couto, p. 8).

Todavia a mulher que está na fase terminal da vida começa questionar ao marido sobre a questão de se falar língua nativa para contar a história, e não falar a língua portuguesa. É perceptível que contar uma história em língua local é mais saborosa e gostosa e não tem tradução ao passo que a língua estrangeira (portuguesa) não pode falar tudo devido sua limitação e de não ser a língua nativa do povo africano, em particular moçambicano. Conforme com Couto.

Caros amigos: As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas “servem”. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. Outras, como no caso do homem que adormecia em história a sua mulher, elas fazem-nos deixar de ser. Nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo. Mesmo os que nunca nasceram, mesmo esses existem em nós como desejo de palavra e como saudade de um silêncio. Vivemos dominados por uma percepção redutora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico da competência dos linguistas. Contudo, as línguas que sabemos — e mesmo as que não sabemos que sabíamos — são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente. Existe algo que escapa à norma e aos códigos. (Couto, p. 9.).

A língua nos possibilita comunicar com outro assim como: expressar sentimentos, emoções, e assim por diante. Ela é a identidade cultural de um povo; portanto, através deste recurso, podemos manifestar costumes. Por isso a língua portuguesa não dá conta de expressar todos estes sentimentos, pois, ela não faz parte da cultura desse povo, é estrangeira. Embora essa língua estrangeira mesmo sendo língua oficial dos países colonizados ela tem certas limitações em expressar os costumes daquele povo. Segundo Fanon:

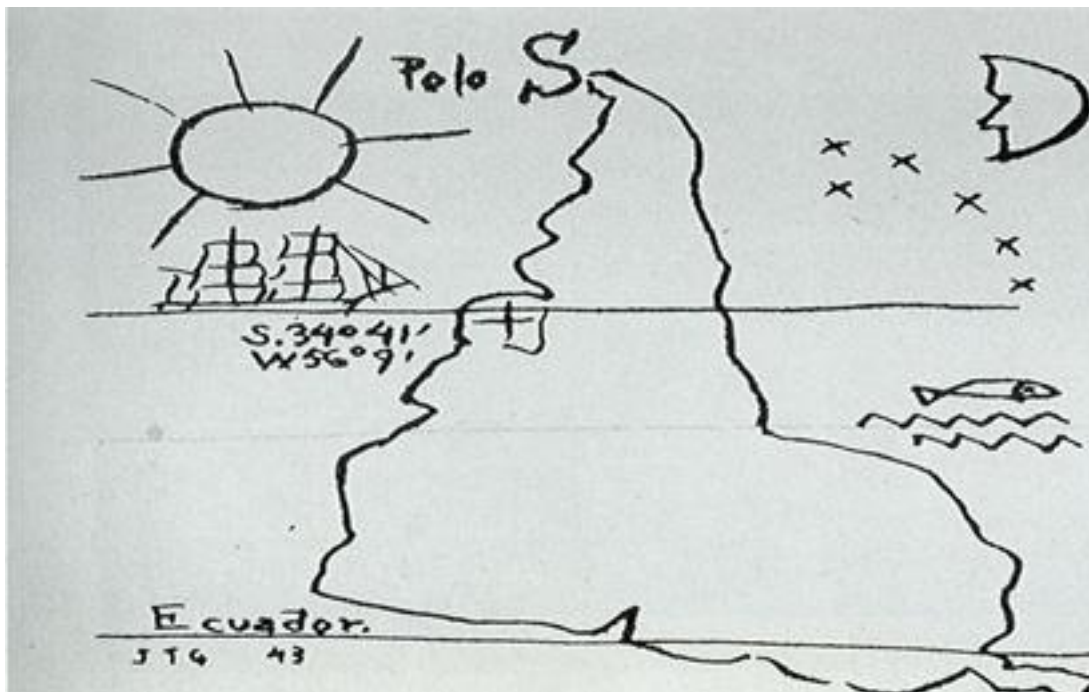
O negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser.* Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência, Valéry estava consciente disso, fazendo da linguagem. O deus na carne desorientado. (Fanon, p. 34).

O autor da ilha de Martinica sugere refletir a questão da língua francesa que é vista com língua de prestígio social de *status* que te faz aproximar mais da metrópole, essa tem mais valor que a língua nativa do povo da Martinica. Essa valorização do francês em detrimento da língua nativa da Martinica é a consequência da colonização, o povo colonizado é tão oprimido e alienado até o ponto de negar sua própria condição de existência, de negar a sua língua em relação a língua do colonizador, em muitos países colonizados a língua do ensino é a língua do colonizador e sua língua fica como segunda língua, mas na verdade ela é a primeira por ser falada pela maioria esmagadora da população. Nolasco afirma que:

Essas teorias, formuladas no centro ou fora do centro, mas sempre preocupadas com os países emergentes ou periféricos, nos permitem pensar hoje, de modo crítico, para além de qualquer visada dualista, mesmo quando ainda algumas separações se façam de modo discrepante, bem como seja um

consenso crítico de que o mundo careça de democracia para todos. (Nolasco, 2012, 36).

As teorias eurocêntricas provocam a reflexão no cidadão do Sul de forma a fazer uma reflexão e crítica sobre novas epistemologias, que não segrega e que promove o preconceito com o cidadão do Sul, outro lado desconstruir essa imagem de centro ou norte como guia para o sul. A inversão da mapa do continente americano é um exemplo claro que sul produz saberes também. Rejeitar o modelo em europeu de falar para o resto do mundo para o resto do mundo mas, também mostrando que o conhecimento pode ser produzido pelo o sul e sem negação de outros valores ou costumes culturais.



Artista uruguaio Joaquín Torres García que produziu este trabalho em 1943, propôs que é possível olhar o mundo de outra maneira. Nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. A proposta de Mignolo parece sugerir que a reivindicação e restituição das “histórias locais” como produtoras de

conhecimentos que desafiam (...) as histórias e as epistemologias globais (...) só é possível em inglês.” (Mignolo *apud* Achugar 30). De toda a discussão, o trabalho de Achugar propõe reformular as epistemologias globais para um epistemologia local a partir da chamada periferia , mesmo balbuciando mas é preciso relatar as histórias locais como via de produção de conhecimento.

O pensamento do autor uruguaio alusivo ao posicionamento local, sobre a construção do plano de saneamento III da cidade de Montevideú, o qual gerou conflito de interesse entre os militares e a intendência municipal, sobre onde deveria passar a canalização da água. Os militares não queriam que a canalização de agua passasse dentro do quartel, por que tinham enterrados várias pessoas “desaparecidas” durante o regime militar que ocorreu (1973-85), por isso, pôs-se em jogo o discurso contra e a favor.

Ao recuperar as “histórias locais” como o caminho para cultivo do conhecimento; a história local contada por um sujeito social da mesma localidade não confere com a história contada pelo outro, ou seja, o homem ocidental “colonizador”. Dentro das histórias locais existia posicionamentos diferentes entre pessoas do mesmo *locus* fronteiriço tais como: os familiares dos desaparecidos e os militares, entre a esquerda e a direita . Essa luta que tem a ver com a higienização da cidade, criou conflito entre o passado e futuro pós-ditadura militar. A diferença de posicionamento também acontece no que diz respeito a língua. A elite não tem interesse em colocar a língua nativa como de ensino e oficial, por outro lado a elite acadêmica, ou seja, os linguistas querem que a língua que a língua oficial de ensino seja a nativa. Segundo Achugar.

Um “ pós” que dialoga com 4 “pós” indicados pelo Mignolo. Esse “pós” é central na produção dos conhecimentos, em particular, por sua relação com a história política e com os imaginário culturais no âmbito nacional da época “pré-ditarura”, assim como o conjunto das narrativas que organizaram o universo prévio. Ou seja, a centralidade desse

“pós” deve-se às rupturas que introduz com o passado- ou com determinada visão do passado – à reconfiguração das agendas culturais e ao reposicionamento dos sujeitos sociais. (Mignolo *apud* Achugar, p. 29).

É de suma importância, ressaltar os grandes intelectuais da América e outros que escreveram histórias locais, ou seja, interesses locais concretos do povo latino americanos: Fernando Retamar, Walter Mignolo, Roberto Schwarz, para mencionar alguns. Estes que vislumbram uma nova possibilidade no tocante a “epistemologias globais”. Fanon afirma que:

Em uma outra obra em preparação, nos propomos a estudar este fenômeno. No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado. Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade. Temos a cidade, temos o campo. Temos a capital e a província. Aparentemente o problema dessa relação é o mesmo em toda parte. (Fanon, p. 34).

O processo de colonização criou o complexo de inferioridade e cidadão de segunda categoria, promoveu graves problemas sociais, que dividiu o mundo em dois polos: o polo norte e sul, o mundo ocidental, mundo civilizado de conhecimento, de referência para o resto do mundo; e outro polo, o do sul, visto como polo de população

(in)cultural, selvagens, que copiam do norte para o sul. Portanto Santos fala sobre o perigo do pensamento ocidental.

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. (Santos, p.01-02).

Abissalidade do pensamento ocidental promoveu o divisionismo que promoveu a desvalorização da cultura do sul visto como subalterno, selvagens, da periferia ao passo que o norte é tido como referência, mundo da civilização, ou um modelo a ser seguido. Essa divisão criou o preconceito racial a respeito do cidadão do sul em detrimento do norte que era visto como modelo, ou seja, a referência para resto do mundo. De acordo com Achugar:

A situacionalidade do sujeito e dos discursos implica, também, uma situacionalidade dos receptores. Hegel pensava que não era possível o discurso teórico na América. Podemos os “latino-americanos” “ter teoria”, menor ou maior? Quais são esses latinos americanos? Podem formular um discurso teórico, ou só podem ter “sentimentos”, produzir “realismo mágico”, “carnaval”, “hiperinflação”, “tango”, “enchiladas”, “narcotráfico” e “glopes de Estado”? Podem os “marginais” e “subalternos” – seja “letrados” ou “iletrados” – latino americanos produzir discursos teóricos, ou devem limitar-se a traduzir do inglês, como costumavam fazê-lo – costumavam? – do francês, do italiano ou do alemão? (Achugar, p.35).

A maneira que Hegel fala sobre os subalternos está relacionada à incapacidade de estes produzirem teoria, pois seguindo a premissa do filósofo, tais povos só deveriam continuar a reproduzir discurso das línguas hegemônicas; e perpetuar a condição de povos sem história; os quais só sabem dar golpes de Estados, produzir inflações, narcotráfico, entre outros. O discurso menor não dá conta de formular um pensamento por isso seria melhor continuar imitar o discurso maior. A reflexão do escritor Achugar no seu livro intitulado “Planeta sem boca” refuta o discurso de Hegel mostrando que o conhecimento pode ser produzido em qualquer lugar. De acordo com Achugar:

Antropófago, bárbaros, caniais, índios, selvagens, colonizados, indígenas, dominados subalternos, escravos, marginalizados, submergidos, monstros, “povo sem história, a lista com que denominam ou qualificam alguns dos “personagens” da história latino americana – heróis ou vilões, de acordo com quem conta a história – que poderia continuar por um bom tempo. Substantivos e qualificativos que não sendo necessariamente sinônimos, evocam arquivos, filiações, narrativas, tradições e perspectivas diferentes. (Achugar, p. 30).

Segundo Mbembe (2014) no seu artigo “ O mundo estado de sítio” o camaronês nos convoca para refletir sobre o perigo de pessoa ser associado como a mercadoria, como produto que dá lucro para o homem europeu, por outro fala este estereótipo é reforçado nos livros; por isso Boaventura evoca que o pensamento ocidental é abissal essa associação tem a ver com as diferenças fenotípicas. Conforme Achugar “o discurso minoritário e língua menor não são noções identificáveis e exigem readaptações na hora de pensar o que ocorre na América Latina com o discurso hegemônico do Commonwealth teórico” (Achugar 34). Achugar mostra a importância do discurso não importa se a língua é menor ou maior, o mais importante expressar com a liberdade seu pensamento, o relevante é balbuciar meus pensamentos do que repetir discurso hegemônico. O escritor moçambicano propôs a reflexão a respeito da língua.

Visitámos tão pouco. Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros.

Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. Moçambique é um extenso país, tão extenso quanto recente. Existem mais de 25 línguas distintas. Desde o ano da Independência, alcançada em 1975, o português é a língua oficial. (Couto, p.12).

A reflexão a da questão da linguagem no diz respeito a Moçambique o País colonizado, onde as pessoas dominam suas línguas nativas mesmo não sabendo ler e escrever a fala deles flui naturalmente, mas quando começa a falar da língua estrangeira portuguesa há certa limitação e uma minoria que fala esse idioma. A língua é identidade cultural duma nação, apesar deste vasto mosaico linguístico em Moçambique as línguas nacionais tem o mesmo prestígio social em comparação com língua portuguesa, elas não são ensinadas nas escolas do país, mas, o português mesmo tem só 12% da população que fala essa língua, ela é ensinada nas escolas do País. Menezes afirma que:

A constituição mútua do Norte e do Sul e a natureza hierárquica das relações Norte-Sul permanecem cativas da persistência das relações capitalistas e imperiais. No Norte global, os ‘outros’ saberes, para além da ciência e da técnica, têm sido produzidos como não existentes e, por isso, radicalmente excluídos da racionalidade moderna. A relação colonial de exploração e dominação persiste nos dias de hoje, sendo talvez o eixo da colonização epistémica o mais difícil de criticar abertamente. A relação global etno-racial do projecto imperial do Norte Global vis à vis o Sul Global – metáfora da exploração e exclusão social – é parte da relação global capitalista. Esta hierarquização de saberes, juntamente com a hierarquia de sistemas económicos e políticos, assim como com a predominância de culturas de raiz eurocêntrica, tem sido apelidada por vários investigadores de ‘colonialidade do poder’. Uma das expressões mais claras da

colonialidade das relações de poder acontece com a persistência da colonização epistémica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação. (Meneses, p.01-02).

O pensamento do norte criou preconceito em relação ao sujeito do sul, o capitalismo é mentor do preconceito e superioridade do cidadão eurocêntrico em relação ao sujeito do sul. “A colonialidade do poder” mostra claro a abissalidade do pensamento eurocêntrico, que quer universalismo do conhecimento, onde o norte é modelo para o resto do mundo.

O projeto de uma epistemologia do Sul é indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos atores históricos no Sul global, sujeitos coletivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da razão, das luzes e do Progresso. (Nunes *apud* Nolasco, 2015 p. 55).

A epistemologia do sul surge a partir da reflexão dos intelectuais do sul mostrando que há outros saberes não só do norte como que era visto, ou seja, como era postulado pelo pensamento do norte, da superioridade do conhecimento em relação ao sul, a epistemologia do sul propõe a pluridiversidades do conhecimento.

Considerações finais

Portanto, proponho que a reflexão sobre o sujeito colonizado, ou seja, o sujeito do sul no que diz respeito à afirmação da identidade cultural; paute-se em discurso que sai da periferia e não os que são erigidos por um idioma hegemônico, o qual é tido (em grande parte) como a única forma de produção de conhecimento. Essa afirmação da identidade visa propor que o discurso a partir do sul para o norte, rompendo com a ideia

de que tudo que venha do centro seja o melhor, ou em outras palavras, não tomar o discurso hegemônico como um modelo, uma verdade única, ou universal. Exemplo norte como modelo e sul como a copia.

É de suma importância viver pluridiversidades, portanto o presente nos convoca para uma reflexão sobre o sul marginalizado pelas teorias do norte ou seja, do centro, essa nos chama atenção a diversidade cultural existente no mundo, onde cada povo tem sua forma de manifestar sua cultura livre e natural. Negar, no entanto, a universalização do conhecimento proposto por Goethe, Descartes e outros intelectuais europeus.

© **Ancel Quaresma**

Referências Bibliográficas:

Achugar, Hugo. *Planetas sem bocas*. Tradução Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Impresso.

Couto, Mia. *E se Obama fosse africano?*. 1ª ed. da Caminho. 2009. Impresso.

Fanon, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*; Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Impresso.

Mbembe, Achille *O mundo estado de sítio*. 2014. Arquivo em PDF.

Menezes, Moreira, Cynara. Disponível: <http://www.socialistamorena.com.br/nosso-norte-e-o-sul/>.online.2012.

Meneses. Paula, Maria. *Epistemologias do Sul*. 2008. Arquivo PDF.

Nolasco, César Edgar. *OS CONDENADOS da fronteira*. 2015. Arquivo PDF.

---. *Perto Do Coração Selvagem da Crítica Fronteriza*. 2012. Arquivo PDF.

Santos, Boaventura de Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de Saberes*. 2007. Arquivo PDF.